

A Literariedade vs. a (a)Ngolanidade : perspectivas decoloniais para refundar (a)ngola

Gaspar Alexandre Ginga*

 <https://orcid.org/0000-0002-8659-4537>

João Domingos Pedro**

 <https://orcid.org/0000-0001-7151-7398>

Resumo: o novo pensamento social afrikano tem estado voltado para a assunção de uma consciência histórica e promoção do contributo epistemológico dos filhos de África sobre si mesmos. Neste cenário, as *perspectivas decoloniais para refundar (a)Ngola* enquadram-se num conjunto ordenado de bases epistemológicas que propõem cenários decoloniais através dos quais são analisadas as estruturas e representações sociopolíticas da Angola criada no contexto da colonialidade até aos dias de hoje. Para tal, trouxemos um quadro geral da (des)orientação social de que temos sido reféns e protagonistas (paradoxalmente): (i) começaremos por refletir a Angola desde a sua fundação, o seu contexto intelectual, o porquê dos fracassos historicamente cíclicos; (ii) refletiremos sobre o cancro (de) Angola, propondo as bases para o sararmos e, por fim, (iii) proporemos uma refundação assente em pressupostos decoloniais sem os quais o sonho de liberdade e soberania nacional serão mera distopia da retórica convencional. O grande objetivo deste estudo é analisar criticamente o contexto sociopolítico a que chegamos com a idolatrada fundação (afirmação do contrato social), em 1975, do Estado que hoje chamamos de Angola, propondo uma refundação (RCS: renovação do contrato social) pautada numa atitude sóciopolítica afrikano-centrada que assuma as necessidades e prioridades que representam, em primeiríssimo e privilegiado lugar, os interesses **ngolanos** e dos povos da África em geral. O presente estudo é delimitado pelo período da colonialidade na extensão do novo território angolano, mais precisamente a partir dos meados do século XX. Em termos metodológicos, para a concessão do presente artigo, servimo-nos de uma vasta pesquisa de campo realizada através do “**Projecto Tradição Viva**”, por um lado; por outro lado, servimo-nos do método dedutivo, e, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, utilizamos a pesquisa bibliográfica (seleção reflexiva e analítica). **Twende!**

Palavras-chave: (a)Ngolanidade; Perspectivas decoloniais; Ngola

* Estudante do 4.º ano do curso de Direito do departamento de Ciências Sociais, Econômicas e Humanas no Instituto Superior Politécnico Dom Cardeal Alexandre do Nascimento em Malanje, onde leciona, como Monitor, a cadeira de História das Ideias Políticas e Jurídicas. Investigador nas áreas de Estudos Africanos, História e Pensamento Sociopolítico africano. E-mail: decanetorainhanjinga@gmail.com

** Mestre em Letras (Linguística do Português) pela Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, Luanda, Angola. É docente do Instituto Politécnico da Universidade Rainha Njinga A Mbande, em Malanje, Angola, onde leciona as cadeiras de Língua Portuguesa, Metodologia da Língua Portuguesa e Técnica de Comunicação Oral e Escrita. É docente convidado pelo Instituto Superior Politécnico Cardeal Dom Alexandre do Nascimento para as cadeiras de Sintaxe e Semântica do Português e Linguística Portuguesa; é Coordenador do Curso de Língua Portuguesa e Comunicação da mesma instituição. É pesquisador nas áreas de Didática e Metodologia do Português Língua Primeira e Língua Segunda e Comunicação e Linguagem. E-mail: kalendaneto23abril@gmail.com

Abstract: The new Afrikan social thought has been focused on the assumption of a historical conscience and the promotion of the epistemological contribution of the children of Afrika on themselves. In this scenario, the decolonial perspectives to refound (a)Ngola fit into an orderly set of epistemological bases that propose decolonial scenarios through which the socio-political structures and representations of Angola created in the context of coloniality to the present day are analyzed. To this end, we brought a general picture of the social (dis)orientation of which we have been hostages and protagonists (paradoxically): (i) we will begin by reflecting on Angola since its foundation, its intellectual context, the reason for its historically cyclical failures; (ii) we will reflect on cancer (of) Angola, proposing the bases for healing it and, finally, (iii) we will propose a refoundation based on decolonial assumptions without which the dream of freedom and national sovereignty will be a mere dystopia of conventional rhetoric. The main objective of this study is to critically analyze the socio-political context that we arrived at with the idolized foundation (affirmation of the social contract), in 1975, of the State that we now call Angola, proposing a refoundation (RCS: renewal of the social contract) based on an African-centered socio-political attitude that assumes the needs and priorities that represent, in the very first and privileged place, the interests of Angola and the peoples of Afrika in general. The present study is delimited by the period of coloniality in the extension of the new Angolan territory, more precisely from the mid-twentieth century. In methodological terms, for the granting of this article, we made use of a vast field research carried out through the “Projecto Tradição Viva”, on the one hand; on the other hand, we used the deductive method, and, from the point of view of technical procedures, we used bibliographic research (reflective and analytical selection). Twende!

Keywords: (a)Ngolanidade; decolonial perspectives; Ngola

Ku bhatulula (Kimbundu): O ibhanzelu mu kisangi kya afidika yiza muku kukudisa ni kudixikinisa o kwila kya bhingi o kubhanaku jindunge kwa yo a kituka o twana twa afidika mudyawu. Mu ukexinu yu, o ibhanzelu ya yo akexine ni kaphutu phala ku yukisaku dingi o Ngola, ya dite ku munononono phala o kuzanza o ukexinu wa ibhangelu ya mundu, ni kudilonga o ifwa ni idifwa o ukexinu wa kisangi ni wanji wa Ngola, tunde mu kithangana kya kikolonya ndu mu izuwa ya lelu. Mukiki, twezaku ni mundonda wa tenena u tulondekesa o ukexinu wa lungu ni kukamba o kwijiya o njila ya kidi, wila ki twene mu kubhanga mba kutubhanga kwala athu engi: (i) tumakateka ni kubhanza o ixi ya Ngola tunde ku ufukunukinu wayi, o unjimu wayi, o kikuma kya kulweza kwa vula yoso; (ii) tubhanza o kijimbu kya ixi ya Ngola, ni kulondekesaku o ji njila jya fwama phala o kukitumba, ni tusukina, (iii) tubhanaku we phangu ya ku kufukununa lwa kamukwau dingi o ixi ya Ngola hakaxi kya ji njila jina jya yuka phala o kwila o nzoji ya musenza ni kukibhama kwa ixi ki kukale mu kingoho. O disukinu dya kudilonga kuku, o kuzanza mwene kya mbote kina kya lungu ni ukexinu wa mwenyu mukisangi ni wanji u twakala nawu tunde ki twa tambula o dipanda, tunde ku muvu wa kazunda, hama avwa, makwinyi a sambwadi ni kitanu, mu ixi yi twixana Ngola (o kufufulula o ukexinu wa mwenyu mukisangi), yiza mu kukala ni kinemenu kya kubhana luxilu wa lungu ni ukexinu wa mwenyu mukisangi ni wanji udita kaname ni ibhanzelu ya akwa afidika, yene ni kilunji kya kubhanza phala o mbote ya bhindamena o mundu wa **akwa ngola** ni mundu mu ngongo ya afidika mu muzunda ngandu. Kya lungu ni jiphangu jya ulongeleu, phala kwendesa kya mbote o ulongelu yu, twa zanze o yina ya soneka kya kwala akwetu hakaxi kya “**Mundonda wa Ifwa ni Idifwa ya Mwenyu**”, ku mbandu ya thexi, ya kayelaku, hakaxi kya ku kusokesa, hakaxi kinawu

kikala o maka, etu dingi twa zanze o mabuku okulu (o usangwilu wa ubhanzulu ni kuzanza). **Twende.**

Mabha a mutwe: O (u) Ngola, kutetuluka kwa kukatuka ku ukolonya, Ngola.

Considerações iniciais

O colonialismo é antigo em Angola, a colonização também a é, porém, foi a partir da(s) independência(s), em 1975, que o colonialismo ganhou nova expressão através do seu mais novo produto que é a colonialidade¹. A colonialidade começa a vigorar aquando da instauração das políticas de manutenção e preservação do Estado colonial, da celebração dos acordos bilaterais, do copismo intelectual, do assimilacionismo, da imposição científica, do lusotropicalismo e da perda de valores culturais. Como se de uma maldição se tratasse, Angola, não muito diferente de alguns países de África, é tido, por alguns pesquisadores voltados à reconstrução da identidade cultural, como um dos países mais desorientados em África, parece não conseguir resolver nenhum dos seus problemas sociais. Entretanto, somos daqueles que buscam as razões deste fraco êxito civilizacional dentro da filosofia de organização de um Estado de base afrikano-centrada.

O sistema problemático de sociedade, com o qual convivemos hoje em Angola, instalou-se quando os nossos heróis (?) independentistas decidiram continuar a importar práticas políticas dos seus mestres coloniais. A reflexão sobre o cenário que ainda mantém padrões próprios da colonialidade é parte da nossa reflexão inicial que surge para tentar entender a natureza dos problemas sociopolíticos em Angola. Sendo Angola um país recentemente criado no contexto da colonialidade, é a sua fundação o nosso ponto de partida. Portanto, o nosso estudo é temporalmente delimitado pelo período correspondente ao ano de 1975 até aos dias de hoje.

É fato que Angola enquanto país, não existia antes dos interesses de mudanças paradigmáticas e políticas de controlo ocidental terem firmado seus tentáculos na geografia afrikana, inventando, assim, um território geograficamente problemático. Não

¹“A colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si”, Graças a isso, “a Europa pode produzir as ciências humanas como modelo único, universal e objectivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do Ocidente” (Oliveira; Candau, 2010, p. 15-40).

que antes não houvesse problemas de ordem geográfica, mas porque esta problemática derivou de um processo inusitado de violência histórica permanente.

Como acontece com qualquer instituição ou organização humana com objeto social, objetivos, meios e finalidades bem traçadas, a fundação de uma comunidade sociopoliticamente organizada (devia) passa(r) primeiro pela construção de uma ideologia conjunta que generaliza suas linhas orientadoras no espaço psico-geográfico a se aplicar. É observando este quadro que se constroem as bases para o que alguns autores europeus (John Lock, Rousseau e Hobbes) da “*era moderna*” chamaram de **contrato social**, ou, quando as razões que motivaram este contrato social forem contraproducentes, renovar o tal contrato social através de um processo de refundação.

No fundo, alguns países afrikanos não escaparam ao processo corrosivo da aculturação, relegando a sua organização social no seguidismo ao sistema de organização social ocidental, como se mostra ser o caso de Angola. Portanto, a nossa missão é reconstruir a nossa perspectiva de nação afrikana.

Para a devida compreensão das narrativas contidas no presente estudo, vale deixar patente o contexto de interpretação de alguns conectores: nalguns casos, ao invés de dizer *brancos*, diremos ***mundele/mindele***²; substituiremos algumas das palavras em Línguas coloniais por Línguas das nossas regiões; diremos “***preto***” ao invés de *negro* para nos referirmos à *nossa raça*, e traremos articulações próprias da linguagem afrikano-centrada; do mesmo modo, interrogaremos algumas expressões comuns de modos a não nos comprometermos com elas no espectro ideológico; finalmente, a narrativa geral do nosso estudo será descrita no plural (nós), porém, nalgumas vezes, escreveremos na primeira pessoa (eu) para efeitos de maior proximidade entre os autores e os leitores.

Para a concretização deste artigo, servimo-nos do método dedutivo e, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, utilizamos a pesquisa bibliográfica na seleção reflexiva e analítica. Tendo recorrido à norma APA (7.^a Edição) para citações e referências, servimo-nos de livros e artigos de autores preocupados em reorientar África.

1 Noções operatórias: conceitos precisos ao contexto do estudo

O contexto sociopolítico hostil e confuso sobre o qual foi desenvolvido o ideal de Estado-nação em Angola (assim como na maior parte dos países afrikanos) deixa fortes

²Esta é a forma como os nossos ancestrais designavam os invasores brancos. A ideia é abordar os problemas que levantaremos na óptica das próprias vítimas, trazendo a dimensão afrikana do problema.

margens para interrogações permanentes que carecem de uma resposta com pendor epistemológico multifocal. Assim, cumpre, sobretudo, estabelecermos uma abordagem histórica, sociológica e política, apoiando-se nas razões culturais e na sociologia do conhecimento cuja tarefa, para o nosso estudo, é a de “desvendar os enganos e disfarces mais ou menos conscientes dos grupos de interesses humanos, especialmente os partidos políticos” (Mannheim, 1986, p. 30). Para as noções operatórias, ao nosso estudo interessa que se tenha como base os seguintes conceitos: No âmbito das Ciências Sociais, o conceito de representação é visto como produto e como um processo de uma elaboração psicológica e social do real (Jodelet, 1984). Em termos explicativos, abordaríamos sobre as *representações sociais* segundo as construções sociais da realidade coletiva que caracterizam dado grupo social.

Ainda na esteira de Jodelet, a representação se forma a partir das interações e dizem respeito às condutas coletivas, às comunicações sociais, e constituem uma legitimação do senso comum. Segundo Cassuada (2019), numa comunicação oral apresentada num fórum epistêmico, a representação é “*uma relação entre o psicológico e o social: primeiro, o psíquico; segundo, o social*”³. O estudo sobre este fenómeno é muito importante para que possamos entender e interpretar as estruturas psico-sociais corrosivas que foram intencionalmente deixadas pelos (ex?)-colonos para manter ativa a superestrutura colonial que, por sinal, só beneficia quem a criou. Neste conceito, casamos a face social com a política porque, do ponto de vista da ciência política, a fundação de um Estado é um fato inerentemente ligado à Política.

1.1 Colonialidade

A colonialidade é sobre a instrumentalização dos processos de evolução do ser, de vários povos que ficam para sempre ligados – e em desvantagem – aos Estados europeus, trilhando um percurso sociopolítico por eles idealizado e intelectualmente subalternizado. Graças a isso, “a Europa pode produzir as ciências humanas como modelo único, universal e objetivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do Ocidente” (Oliveira; Candau, 2010, p. 15).

A partir deste ponto, o nosso ensaio envolve um esforço epistemológico que procura desafiar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade. Este

³ CASSUADA, J., *Das representações sociais dos jovens delinquentes...*, No prelo (ESPM- Ex-Escola Superior Politécnica de Malanje), 2019.

estudo, que irá sendo aprofundado, se constitui como um projeto sociopolítico alternativo à colonialidade do ser, do saber e do poder em Angola.

Outra concepção importante que queremos desmontar tem que ver com as orientações intelectuais que decorrem de relações sociais e étnico-raciais injustas, como é o caso dos diversos processos de **Alterização**. A alterização, como afirmam Sánchez e El-Hanim (2012), refere-se a “processos pelos quais determinados grupos étnicos, sociais, culturais e/ou políticos assumem uma visão idealista de si mesmos como norma, padrão ou modelo de normalidade” (p. 615). A alterização produzida contra os (sub)grupos (a)ngolanos, por ter sido um mal construído com bases de experiências idealistas de um povo colonizador, passou a representar para nós o modelo político, científico, progressista e até cultural de sociedade “moderna”. A desconstrução desse ideal é uma necessidade vital para o nosso estudo.

1.2 A (a)Ngolanidade

Nesta secção, trouxemos uma discussão antropológica sobre o conceito de *angolanidade*. A verdade é que as posições a respeito deste conceito não são unânimes: uns desenharam tal conceito a partir de teorias raciais eurocêntricas (a criouliidade, antilhanidade, aclimatilidade⁴ e o lusotropicalismo); outros desenharam como um processo de formação identitária, trazendo a *angolanidade* como uma necessidade urgente e projeto ideal para a construção da nação angolana. Nessa conformidade, o sociólogo angolano Víctor Kajibanga (1999, p.10) define a *angolanidade* como sendo “um manifesto coletivo de convivência multiétnica, multirracial e multicultural de todas as comunidades humanas que habitam no atual território da República de Angola”. Contudo, a nossa intenção não é (só) tentar desconstruir os efeitos nefastos da colonização com *meros calmantes*, mas propor as *vacinas*. Por isso é que estamos propondo o paradigma da *Ngolanidade*.

Assim, diferente do que temos como *Angolanidade*, a *Ngolanidade* é uma expressão inovadora que trazemos ao nosso estudo para significar um manifesto de consciência coletiva dos povos do atual território de Angola baseado na restauração equilibrada da sua experiência histórica e cultural a fim de construir uma nação de matriz afrikana. Um manifesto que deve privilegiar a descontinuidade da colonialidade.A

⁴ (cf. Venâncio, 1996a, p. 21)

Ngolanidade é um novo paradigma de discurso e reconstrução identitária que deverá vigorar na Angola refundada.

É também necessário explicarmos aqui a razão da adoção da terminologia “Ngola” para substantivar o país que pretendemos refundar. É sabido que os “Ngola” não era o único povo nos territórios que hoje chamamos “Angola”, de facto, o termo Ngola parece vincular exclusivamente o restrito espaço sociocultural ambundo, o que não seria tão representativo para a maioria dos povos assentados na Angola de hoje.

A nossa posição é que: (i) na tentativa de encontrar a raiz e o percurso histórico de um substantivo para a Angola refundada, ao nos depararmos com a discussão sobre qual expressão adotar, concluímos que Ngola foi “um título dado aos soberanos do Ndongo, um povo que se impôs na região e ganhou expressividade que se alastrou à designação de uma etnia” (Redinha, 1969, p. 25-31), o que no imaginário coletivo da África Subsaariana Clássica, os povos assentados no atual território de Angola passaram a ser chamados de “Os Ngolas”; por outro lado, (ii) o contexto histórico da Angola recente fez com que os angolanos desenvolvessem o seu nacionalismo dentro da pátria que é assim chamada, pelo que poderá causar grandes transtornos caso hoje apareçamos com uma denominação significativamente diferente.

É assim que propomos a Ngolanidade/Ngola como a medida cultural/substantiva certa para refundar o nosso Estado. Para todos os efeitos, ao longo da nossa abordagem neste estudo, grafaremos *Angola* para nos referirmos à sociedade vestida da colonialidade, por um lado; por outro lado, grafaremos *Ngola* para nos referirmos à época da África Clássica do atual território angolano e ao Estado africano refundado que é proposto neste artigo.

2 Angola como projecto político da colonialidade

Estamos no século XIX; sentimos uma agitação e provocações constantes entre as forças que lutavam para empobrecer África; à calada da noite, talvez, na cabeça de algum iluminado, surge a geo-estratégia de dividir a África em partes correspondentes aos níveis de exploração, onde o número de territórios a ser apropriado por cada país europeu explicava o nível de violência que aplicava: quer dizer, quanto mais violência mais territórios, quanto mais territórios mais violência.

Como já dissemos, o Estado “Angola” nunca existiu antes dos interesses de mudanças paradigmáticas e políticas de controlo ocidental terem firmado seus tentáculos

na geografia afrikana, inventando assim uma África geograficamente problemática. A expressão “*invenção de África*” não é nova. Um grande autor afrikano, Vicente Mudimbe, usa essa expressão em seu estudo denominado “*A Invenção de África: Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento*”. Acharmos interessante aplicar tal expressão para nos referirmos à nova construção geográfica do continente que deu origem aos muitos países que hoje compõem as mais de 5 dezenas de Estados (de?) em África, como é o caso de Angola.

Esta situação inusitada abre necessariamente dois precedentes históricos: (i) a geografia afrikana, no geral, foi recriada na *politicida* conferência de Berlim, impondo limites imaginários do tamanho da mania de grandeza europeia; (ii) tanto Angola como o restante dos países afrikanos são uma herança histórica de uma geo-política não-afrikana. O que põe em causa a possibilidade de a construção dos “nossos” países serem motivo de grande orgulho para nós afrikanos.

Depois de supostamente expulsos, os colonialistas deixaram suas estruturas sócio-políticas em vigor nas suas ex-colónias (?). Não havendo concertação em contrário, foi assim que os Estados afrikanos, naltura das independências (?), perderam a soberana oportunidade de mudar o quadro e criar Estados afrikanos em África, dando continuidade às linhas gerais impostas pela Filosofia de organização de Estados coloniais. Nesta senda, nascem os conceitos mal formulados ligados à nacionalidade.

3 Afinal, o que é ser angolano?

O que se espera, talvez, é que definamos o angolano na propositura convencional: é angolano todo o indivíduo que nasce em Angola, que tenha nacionalidade angolana ou aquele cujos pais são de origem de alguma parcela territorial angolana. Porém, como deixamos claro nas noções operatórias, a nossa matriz de abordagem é diferente, o que implica uma atenção especial ao olhar afrikano, antes mesmo das concepções comuns, sobre os fenómenos com que nos vamos debatendo. Por esta razão, devemos começar a reflectir o nosso discurso identitário a partir da já introduzida expressão “Angolanidade”. Na visão de Patrício Batsikama (2013)⁵, do ponto de vista histórico, existiram várias angolanidades, e mencionamos as principais:

⁵Fonte: <http://www.pordentrodafrica.com/cultura/angolanidade-construcao-das-identidades-angolanas-por-patricio-batsikama>, cessado a 14 de Fevereiro de 2021.

1 – Angolanidade apriorística. Esta teoria – amplamente sustentada pelo MPLA no seu projecto sobre Angola enquanto Estado-nação – quer que todos angolanos constituam uma só nação; um só povo partindo do pressuposto de que o povo angolano estaria acima das etnias (forma de congregar as partes) e abrindo espaço para afrikanos e europeus “viverem em conjunto”, como um só povo.

2 – Angolanidade. Esta teoria – energicamente sustentada pela FNLA e readaptada pela UNITA – afirma que a construção de Angola enquanto Estado-nação partirá das raízes culturais afrikanas, por um lado em busca do modelo afrikano (rompimento com a colonização) e, por outro, a independência total (independência cultural, talvez).

3 – Angolanidade aposteriorística. Com a americanização do mundo, ou melhor, a democratização consoante o modelo americano, surgem as novas ideias nos anos 90 (do século XX): uns reclamam da participação de todas forças socio-políticas, outros (na maioria) expressam anti-mplalismo como forma de construir “o país que o MPLA terá destruído”.

Destas três definições de angolanidade que Batsikama nos apresenta, o que nos chama atenção é: (i) a tremenda diferença ideológica entre o MPLA e os outros movimentos de libertação nacional; (ii) a FNLA, depois a UNITA, foi o movimento que tentou desenhar um conceito mais próximo das intenções de descontinuidade das representações coloniais, tendo abordado o angolano “de fora” (os europeus nascidos em Angola), como “bons” convidados, porém secundarizados, sendo que em primeiro lugar deveria estar o angolano autóctone. Agora, entrando propriamente ao conceito de “Ser angolano”, vamos atender primeiro à perspectiva de Simão Bengui Eduardo (i), segundo o qual:

É ser produto final da cultura portuguesa. Angola é um país na qual tudo que se projectou e que os portugueses projectarem para com as suas antigas colónias se concretizou na religião e no sistema de educação até ao regime de governação vigente. Ser Angolano é ser mini-português nascido num território Afrikano que os portugueses chamaram de Angola onde o sistema de educação e controle social por meio da religião colonial garantem a efectividade e a materialização dos ideais lusotropicalistas (Bengui, 2021)⁶.

⁶Via Facebook: O endereço electrónico, bem como a informação sobre o dia e mês do post encontravam-se indisponível à data da confecção deste Artigo.

Já José Luís Mendonça (2021)⁷ apresenta uma narrativa linguística que liga o conceito de angolano à doutrina da língua do colonizador: são, portanto, as expressões da alma que nos fazem ser angolanos. A primeira expressão da alma é a língua. Como angolanos, nós não temos uma única língua bantu que nos identifique. A unidade nacional está forjada sobre o legado da colonização, a língua portuguesa. Então, somos angolanos, por sermos detentores, no nosso subconsciente coletivo, de uma memória cultural ocidental, a memória da língua do colonizador.

No primeiro momento (i), não sendo menos verdade a posição defendida por Bengui – com a qual concordamos –, fica evidente que o imaginário coletivo com o qual foi sustentada a fundação do “nosso” Estado é um produto cultural e político que representa uma combinação de esforços para produzir pseudo europeus nos territórios **Ngola**. E é, na nossa visão, isso que define o novo angolano; a segunda narrativa (ii) – apresentada por Mendonça – traz Angola e os angolanos como ficção da Língua portuguesa, desmontando o poder da língua portuguesa na sua ontologia estético-política ficcional das etno-nações para a formação do atual Estado angolano.

Essa reflexão nos permite também cogitar que seja, na verdade, ficcionada, a narrativa segundo a qual o patriotismo e o nacionalismo angolanos devem constituir a nossa consciência coletiva, o nosso valor mais elevado, sobretudo porque estes princípios apresentam-se sempre dentro do estético-político ideologicamente ficcionada que nos faz pensar que respeitar símbolos políticos é a mais pura demonstração de amor à pátria, enfim, na narrativa política, é isso que significa ser angolano. Em termos práticos, é isto que significaria ser angolano. No final de tudo, a noção crítica que fica sobre “ser angolano” não é mais senão a evidente inversão dos presságios culturais do nosso espaço psíco-territorial e o cumprimento da agenda colonial que pretendia criar um Estado que irrompesse com os laços étnico-culturais que vinham sendo cultivados há séculos por gerações para politizar a personalidade do *Muntu Kya Ngola* (pessoa de Ngola).

Na nossa proposta, o ideal é contextualizar cada ação pessoal na institucionalização dos valores cognitivos da nossa cultura clássica. A nossa posição é que precisamos rever a forma como nos adjectivamos. Ao construirmos o angolano sob

⁷Comunicação apresentada num fórum epistêmico na Biblioteca Provincial de Malanje, Angola, em 2021, sob o Tema “O que é ser angolano”, onde subordinou sua abordagem ao subtema “*Ser Angolano: Uma Ficção Da Língua Portuguesa*”.

os critérios do imaginário linguístico, geo-político e social do “mestre” colonial português, *ser angolano* não deverá ser mais senão a condição histórica de objeto da história de glória do então colonizador. E vou mais longe, seria mesmo o desmoronamento da grande luta travada pelos nossos ancestrais contra o colono. Em função desta nossa crítica epistemológica ao conceito de angolanidade (e de ser angolano), é que propomos o paradigma da Ngolanidade (e do Ngolano), uma qualidade mais representativa da nossa história e da bravura de povos que descendem de reis e rainhas.

4 O Sistema: estruturas e representações sociais a serviço do nosso subdesenvolvimento

Hodiernamente, entre os angolanos, existe um grande ceticismo quanto ao futuro devido ao rumo a que o passado recente de Angola nos submeteu, por um lado estão aqueles que com um pessimismo justificável acham que o sistema partidocrata erigido desde as primeiras horas da(s) proclamação(ões) da(s) nossa(s) independência(s)⁸ são contraproducentes à construção de uma memória colectiva que nos permita reflectir em unísono os desafios que à pátria se colocam; por outro lado, existe uma preocupação generalizada com a inércia e desorientação intelectual – sobretudo das camadas sociais de base – que parece não haver em lado algum a solução para resolver os nossos *mil e um* problemas de variadíssima ordem. Ou seja, até agora, o país continua a não conseguir resolver, em absoluto, nenhum dos seus problemas sociais. Por esta ser uma problemática autoevidente, coloca-se perante nós o desafio de refletirmos tão profundamente de modos a encontrarmos respostas para este dilema. Entre inocentes e culpados, heróis e vilões, a nossa posição é que devemos primeiro *sankofar* (voltar ao passado) a fim de desmontarmos, com pensamento crítico afrikano-centrado, o cancro que fez surgir as demais patologias sociopolíticas tão cíclicas quanto aparentemente insolucionáveis.

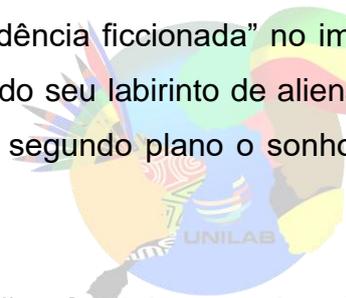
4.1 Espectro Político: o discurso ideológico copista na fundação do Estado

Sinteticamente, o espectro político é um paradigma ideológico que pode servir para caracterizar diferentes posições políticas e a relação de umas com as outras. Aquela

⁸As expressões no plural servem para não excluir a posição que acredita nas três proclamações das independências em Angola. Portanto, como acreditam alguns políticos angolanos, o nacionalismo que forjou Angola em 1975 apresentou este país como um conjunto de vários Estados, proclamados pela FNLA (no centro-leste), pelo MPLA (no norte) e pela UNITA (no sul).

ordenação ideológica que deveria se conformar aos princípios decorrentes da libertação total – incluindo a libertação de consciência – de Angola foi condicionada pelas representações de sistemas sociopolíticos das potências mundiais ou aquelas as quais cada um dos líderes dos movimentos independentistas foi *iniciado* (para não dizer *assimilado*), relegando a nossa independência total à dependência ideológica dos próprios colonizadores.

Em termos de sistemas econômicos, oficialmente diz-se que Angola já experimentou tanto o Socialismo (até 1992) como o Capitalismo (até agora em 2022): o primeiro defendido pelo MPLA sob influência russa e o segundo, defendido por UNITA, sob influência dos americanos. O que não se divulga muito é que estas posições eram tomadas segundo o “patrão” em que cada um dos movimentos se prendia como fonte de poder. Portanto, em suma, em Angola, nenhum partido tinha/tem bases ideológicas embasadas na consciência própria, por assim dizer. Deve ser com base nisto que José Luís Mendonça, numa de várias das suas intervenções públicas, chamou a nossa pseudo-libertação de “independência ficcionada” no imaginário de uma memória diferida (adiada). Houve quem, dentro do seu labirinto de alienação sistêmica, tenha se arrogado dono do “país” e relegou para segundo plano o sonho coletivo da nossa independência efetiva.



4.2 Estruturas e Representações Sociais a serviço da colonialidade

Após o processo que hoje dizemos ser independentista, muitas das estruturas sociais advindas da colonização foram mantidas com a intenção de se empreender um esforço alargado para com elas construir um país que irradiasse prosperidade e progresso social. Ideais estes que até hoje são apresentados como alternativa para atingirmos o “progresso social” e a (mal costurada) unidade nacional que preferiu ignorar alguns pressupostos muito particulares da experiência política que deveria ser embasada no seu cordão umbilical (cultura).

Do ponto de vista sociológico, as representações sociais “*pressupõem uma relação entre o psicológico e o social, primeiro; o psíquico, segundo; o social*” (Cf., Cassuada, 2019)⁹. Das representações psíquicas às sociais, dentro da superestrutura colonial, a nossa total independência continua condicionada tanto por fronteiras

⁹Uma comunicação oral, subordinada ao tema: *Das representações sociais dos jovens delinquentes...*, apresentada num colóquio na Ex-ESPM - Escola Superior Politécnica de Malanje.

linguísticas quanto pelas estruturas que representam com vigor a memória diferida (adiada) de que resultou a colonialidade. Para ser específico, estamos nos referindo ao “nosso” sistema educativo, aos sistemas jurídico-políticos, às instituições sociais, à religiosidade ocidental que profana nossas razões de crença de matriz afrikana, ao sistema capitalista e socialista globais, às ideologias de modo de vida comum, à dita nova moral social, à forma de andar, pensar, vestir, falar e até forma de comer. Ao longo do estudo vamos falando um pouco sobre tais estruturas.

4.3 Dependência ideológica das instituições de base

Diferente de outros povos, os ocidentais (e os muçulmanos também) têm usado a sua “lógica cultural” com uma tendência universalista muito agressiva. Como se sabe, as instituições de base e os construtos sociais que os suportam nascem de perspectivas culturais, e estas perspectivas culturais padronizam princípios – geralmente tácitos – que viram normas sociais, aquelas representações através das quais as pessoas vão se seguindo no plano inconsciente (ou consciente: nestes casos, os afectados pelas estruturas coloniais nem sequer questionam tais normas).

Se a base axiológica de uma instituição estiver assente em pressupostos da experiência estrangeira, esta instituição representará na prática interesses estrangeiros. Daí a ineficácia das instituições em Angola que pecam pelo factor “contexto”: há um tempinho, Angola vivia uma situação pandêmica que pôs em evidência parte do que dissemos, pois, as decisões que o Estado tomava como medidas preventivas são, por origem, imitações do quadro de prevenção geral dos países que se impuseram como mestres coloniais. É esta a influência que o comportamento cultural do colono exerce sobre as instituições.

Diferente da colonização inglesa, a colonização portuguesa ficou marcada por um “epistemicídio” e “culturicídio” permanente, onde implantar as estruturas coloniais implicava a extinção das estruturas nativas. Estas estruturas ocidentais burocratas são as que até aos dias de hoje operacionalizam materialmente os efeitos da superestrutura colonial: o sistema educativo, os sistemas jurídico-políticos, os institutos sociais, a religião, as ideologias de modo de vida comum, a dita nova moral social da Família, a forma de conjecturar, pensar, vestir, falar. etc.

Tanto o ideal das representações sociopolíticas ligadas às estruturas da colonialidade, à construção urbana ocidental, ao desenvolvimento sócio-intelectual, aos

conteúdos programáticos dos manuais de escolaridade, o “copismo governativo sistemático”, as novas tendências das camadas sociais e a psicologia de grupo dos angolanos “estudados”, como as instituições de base que as suportam são de referência epistemológica não-afrikana, o que desde a independência tem gerado insucessos cíclicos em termos de avanço civilizacional.

Do ponto de vista da Ciência Política, a ideologia é um elemento fundamental de conservação de poder. Nesta ordem de ideias, conforme nos ensina Marimba Ani (1994, p. 47 e ss), “a ideologia envolve o uso mais intencional dos ícones sagrados da cultura para propósitos políticos, isto é, para a sobrevivência, defesa e projeção da cultura”, acrescentando que “a ideologia é mitologia politicamente interpretada”. Ou seja, os traços comportamentais da cultura opressora, sobretudo os traços da cultura ocidental, têm sido intencionalmente interpretados como pressupostos normais da ação evolutiva dos homens, o que na verdade são meros ícones criados para a sobrevivência de suas culturas que servem a seus propósitos de hegemonia económico-política.

Tal como as pessoas, as instituições também foram afetadas pela assimilação decorrente da colonialidade. De forma sintética, *“a assimilação é o processo pelo qual o povo colonizador procura elevar até si, por todos os meios ao seu alcance, os indivíduos ou indígenas (?) colonizados”* (Rego, 1958, p. 192). Nestes termos, a assimilação terá passado de individual a estrutural. Como assevera Elizabeth Cruz (2006) parafraseando Memmi, *“a assimilação mais não é do que um risco, uma das garantias da perpetuação da situação colonial”* (p. 116), um fundamento interpartes da alienação cultural. É assim que Cheikh Anta Diop (1970, p. 53) trata da alienação que o homem afrikano sofreu, aludindo que *“a mesma consistiu na interiorização da ideologia da escravatura e da colonização cuja base é a falsificação da personalidade moral do negro (preto) e das suas capacidades intelectuais...”*, enfim, uma assimilação institucional que *“se quer tendencial, para que seja integral”*, terminou.

4.4 Perspectivas descoloniais: fundamentos à refundação

Antes demais, nós – os afrikanos – precisamos começar a criticar a tendência de se criarem sistemas teóricos perfeitos e universais, tendendo, entretanto, a se afastar dos contextos sociais e dos dados ditos empíricos. Uma tendência muito comum nas disciplinas ditas científicas paridas nos finais do século XIX. É fundamental percebermos que não existem (nem devem existir) sistemas políticos universais. Quer no “país da

esquina” quer na China, só o contexto político poderá traduzir o sistema mais adequado – não perfeito, mas adequado –, por isso é que julgamos ser contraproducente importar sistemas alheios só porque funcionaram lá nas latitudes de onde provieram.

O esforço feito pelos nossos ancestrais no campo epistemológico deve ser para nós razão suficiente para continuarmos a reconstruir tudo (aquilo) que nos foi retirado, “recusando com determinação uma suposta verdade científica que há muito se tinha tornado branca, tão pejada que estava dos preconceitos de uma longa linhagem de filósofos e de eruditos cujas perspectivas correspondiam apenas e só a uma vontade dissimulada de dominação sob a capa supostamente neutra da «verdade» científica” (Patacho, 2014, p.4).

As ciências políticas apresentam-se como um campo de estudo aberto – pelo menos o é do ponto de vista analítico – onde são estudados todos os fatos e fenômenos passíveis de cogitação política, porém, se adentrarmos aos conteúdos programáticos destas ciências, notará que dentro delas são privilegiadas as experiências políticas da Europa – qualquer um que ler sobre os períodos políticos da “humanidade” (Antiguidade, Idade Média, Moderna e Contemporânea) vai dar de cara com essa arrogância científica. As experiências políticas de nações *não-europeias* são usadas como mero complemento comparativo, não são objeto de estudo como tal: é assim que falamos a toda hora das três grandes revoluções liberais (inglesa, francesa e americana), mas quase nunca é tema de estudo a revolução independentista afrikana – um fenômeno político muito mais complexo do que aquelas revoluções. É isto que justifica o embasamento afrikano-centrado das ideias políticas que trazemos ao nosso estudo para fundamentar as ideias de refundação do Estado angolano numa perspectiva decolonial. Precisamos calar o eurocentrismo!

4.5 Do que precisamos para refundar Angola?

Apesar de todos os genocídios e as tentativas para “civilizar” o afrikano, mesmo em suas concepções mais racistas, os teóricos ocidentais acabaram por concluir que o preto é “incivilizável”. Isto abre um precedente que considero ser positivo: no fundo – e acredito firmemente – os ocidentais nunca conseguirão que os afrikanos degenerem totalmente a sua identidade histórica mesmo tendo já sofrido todo tipo de violência que

até hoje caracteriza o pensamento e comportamento cultural europeu. O preto – cedo ou tarde – voltará a si¹⁰.

Para desalimentarmos o cancro da colonialidade em Angola, precisamos emancipar a nossa estrutura de identidade cultural. E isso se faz por critérios de pensamento cultural antes de qualquer outro, pensamento este através do qual todas as outras estruturas passam a se desenvolver. Nas ciências políticas (ou melhor, nas ciências do pensamento político ocidental) que temos vindo a estudar, existe a tendência positivista de se separar as estruturas sociais por áreas correspondentes à natureza de cada uma. Há um conflito permanente no dualismo “tradicional-moderno”, o que separa o “sector Político” (o Executivo, o Judicial, o Legislativo) do sector Social (a Cultura, a Educação, a Saúde etc.). Esse quadro figura-se como o modelo ideal para qualquer Estado que se digne “moderno”. É assim que o pensamento político ocidental interpreta a superestrutura: quer dizer, a cultura, por exemplo, parece ser só mais uma área da sociedade, e a ela são incumbidas atribuições meramente ligadas às artes. Numa perspectiva afrikano-centrada (da África Clássica), a cultura é muito mais que isso, sendo que deve ser a partir dela que as instituições e representações sociais devem ser fundamentadas.

A melhor definição de cultura que se enquadra ao que propomos é a de Wade Nobles (1985, p. 103) que define cultura como “um processo que dá às pessoas um desígnio geral para a vida e os padrões para interpretar sua realidade”, trazendo a ideologia, ethos, e visão de mundo como os seus três principais “aspectos”; seus “factores” seriam a ontologia, cosmologia, e axiologia; e suas “manifestações” resultam de comportamento, valores, e atitudes. Em conformidade, uma abordagem interessante de Marimba Ani pode nos ajudar a interpretar genericamente este conceito da cultura segundo suas características:

Ela age para unificar e ordenar experiência, de modo que seus membros percebem organização, consistência e sistema. A este respeito, ela proporciona uma “visão-de-mundo” que oferece concepções de orientação da realidade; Ela dá às pessoas identificação de grupo, na medida em que ela se constrói sobre experiência histórica compartilhada, criando um senso de identidade cultural coletiva. Ela fornece a base para

¹⁰ E pensamos será, também, que residiu a necessidade de criarem blocos globais (apoiados pelas Organizações Internacionais) que no tempo e no espaço vão se protegendo uns aos outros das ditas “ameaças” externas.

compromisso, prioridade e escolha, dando, desse modo, direção ao desenvolvimento e comportamento de grupo; é, por conseguinte, a principal força criativa de consciência coletiva, e é o que torna possível construir uma consciência nacional (Ani, 1994. Pp. 42-43).

Esta compreensão põe em evidência duas conclusões: (i) se analisada a partir de uma perspectiva decolonial, a cultura compreende o pano de fundo para a construção de qualquer Estado ou grupo humano, não é um simples sector social como o ocidente nos fez/faz ver, é na verdade o substrato sobre o qual todo o comportamento humano coletivo se norteia.

Por todas essas razões, afirma a autora, “*ela (a cultura) impacta sobre a definição de interesse do grupo e é potencialmente política*” (idem., p. 43); (ii) toda a base sistêmica das nossas estruturas e instituições essenciais à vida da nação são heranças coloniais (ou fruto de políticas copiadas ao longo desse período “independentista”), o que pressupõe afirmar que, na verdade, nós temos sido produto do comportamento cultural ocidental (agora oriental também). Um fato indigente que, por essência, conta para o sucesso do ainda sonho imperial europeu (entenda-se Ocidente) e para as políticas econômicas dos orientais, o que em contrapartida nos submete a um sistema automático de controlo pensamental subserviente.

Por assim ser, não existe outro meio através do qual poderemos operacionalizar a refundação do nosso Estado senão pela identidade própria, enfim, pela Cultura. “*Ao unir as pessoas em crenças e atitudes comuns (...) a cultura enche com ordem aquela parte da vida que está além dos limites da intervenção do Estado*” (Ani, 1994, p. 44). E porque devemos permitir que ela seja auto-autenticadora, “*ela cria(rá) a base da formulação de um destino comum e a cooperação em persegui-lo*” (idem). Nestes termos, a nossa (verdadeira) cultura é o ingrediente que precisamos para a refundação de *Ngola*.

4.6 Sobre quê base deverá incidir a refundação do Estado?

Muitos argumentam que para desenvolvermos Angola basta que tenhamos bons governantes: o que é ser um bom governante em África? Já agora; outros dizem que basta não perdermos de vista a práxis, pondo as boas intenções e as boas políticas práticas no centro da governação; outros muitos apontam a educação, a indústria, a internacionalização da economia, as infraestruturas de base, a capitalização do sector privado, enfim, todas essas ideias que ficam muito bem no papel.

A nossa posição é que isto não basta, os antecedentes particulares da nossa experiência histórica exigem de nós mais profundidade, precisamos pensar no cancro e não (somente) nas patologias que daí resultaram. O desemprego, a educação débil, a fome, a ignorância política, a falta de vontade política, o sistema de saúde insalubre, a improdutividade, a falta de valores culturais, a importação compulsiva etc., são só patologias de algo muito maior. O cancro é o sistema de prisão civilizacional, é o sistema que desenhou o país para falhar, para reproduzir interesses dos mestres neocoloniais. Quando olhamos para o nosso país, não compreendemos como é que nada (ou quase nada) vai bem, parece até incrível. Contudo, na nossa visão, é porque não firmamos um verdadeiro contrato de sociedade desenhado por (e para) nós mesmos, com **consciência histórica** própria.

Na secção 4 da obra “*O consciencionismo – Filosofia e Ideologia da Descolonização*”, Kwame Nkrumah, ao tratar sobre as sociedades afrikanas, oferece grande contributo à nossa ideia sobre as bases com as quais devemos refundar o nosso Estado: O que é chamado como primeiro passo é um corpo de pensamento conectado que determinará a natureza geral de nossa ação em unificar a sociedade que herdamos, uma unificação para levar em conta, a todo momento, os elevados ideais subjacentes à sociedade Afrikana tradicional. A revolução social deve, portanto, ter permanecido firmemente atrás dela, a revolução intelectual, uma revolução na qual nosso pensamento e filosofia são direcionados para a redenção de nossa sociedade. Nossa filosofia deve encontrar suas armas no ambiente e nas condições de vida do Povo Afrikano. (Nkrumah, 1964, p.57-69)¹¹.

Em nosso entender, é urgente estabelecermos um critério de progresso sociopolítico embasado numa correlação entre a África Clássica (sem a colonização) e a África de hoje, só assim poderemos encontrar o nosso lugar no mundo. O que estamos afirmando é que não se pode criar um país forte sem uma profunda e grandiosa inteligência estratégica que abra à nação uma visão política tão “*sui generes*” (própria) que crie suas prioridades centradas nos seus próprios assuntos/problemas.

Para os estudiosos realmente preocupamos com a problemática sobre a identidade cultural, os vectores da tradição devem nortear a forma de pensar dos angolanos, partindo de um estudo na qual as matrizes culturais dos povos que falam

¹¹ Fonte: <https://googleweblight.com/sp?u=https://docero.com.br/doc/e0evcv&grqid=m4u5R73N&hl=pt-PT>, acessado em Dezembro 5 de 2021:

língua bantu devem ser a base para formar a mentalidade do angolano. A identificação cultural e compromisso ideológico – assentes num sentido de missão civilizacional – são as verdadeiras bases para a consciência política. Em alguns de seus pronunciamentos espalhadas pelo mundo, Marimba Ani afirma mesmo que “a descolonização intelectual é um pré-requisito para a criação de estratégias de descolonização política e de reconstrução cultural bem sucedida”. Por isso, é a consciência histórica a base de que dependerá todas políticas de refundação

4.7 Como deverá ser a refundação (RCS)¹² do Estado?

Apesar dos pesares, nós percebermos os sinais dos tempos: o que temos, o que “somos” (com as devidas aspás), o que conseguimos e o que até aqui construímos enquanto país devem merecer um acolhimento estratégico. Mesmo nas condições hostis que descrevemos acima, o fato é que o país percorreu a avenida do tempo, estamos em 2022 e a abordagem de resolução do *concro* (de) Angola deve conciliar as perspectivas decoloniais ao contexto, mas nunca perder de vista aquilo que designamos de **consciência histórica**. O que propomos é uma alargada concertação de nação de modos a filtrarmos o diferencial Colonialidade-Ngolanidade – nestes termos, impõe-se uma atuação política que envolva todos os substratos sociais numa causa única e de verdadeira soberania. Na nossa visão, o que temos que fazer é dimensionar as aspirações sociais e voltar o nosso progresso social para uma renovação do contrato social¹³, enfim, uma assunção da nossa Ngolanidade recriada. O que poderá também alterar substancialmente a noção que hoje temos de “Poder”.

No seu livro “Escola das Ciências Políticas no Antigo Reino do Kongo”, o dikota Patrício Batsíkama afirma que os Kongo definem o Poder basicamente da seguinte maneira: Poder é dominação dos valores que determinam o comportamento dos humanos (...) em congruência com aqueles que lhes delegam essa tarefa com o fim de evitar a desordem; Poder é a relação cooperativa entre A e B, onde o primeiro assegura um comportamento ao AB, ciente de que, à luz do acordo, o B executará e obedecerá somente o que reza o Espírito do Acordo (Ordem). (Batsikama, 2019, p. 42).

¹²RCS – Renovação do Contrato Social.

¹³A ideia é formar um vínculo baseado na vontade consensual, é a isso que se chama de novo “Contrato Social” – um acto em que os indivíduos do Estado de Natureza delegam o seu poder soberano a um grupo político, com o intuito de garantir o bem-estar e a segurança

Estas definições abrem essencialmente dois precedentes: (i) o poder, visto a partir da África Clássica, não é visto numa construção bélica na qual tudo e todos se vergam para o adquirir. O realismo político de Maquiavel que afastou a moralidade das disputadas políticas faz sentido sim, mas só o faz dentro da história do pensamento político ocidental. Não deve, portanto, ser universalizado; (ii) por outro lado, “não havia um poder centralizado numa só pessoa no Kongo (assim como noutros reinos), havia(m) várias linhagens que intervinham neste comando/Poder, evitando, consagrar um Chefe singular com poderes ilimitados ou tido como todo-poderoso” (Batsikama, 2019, p. 43).

Este novo contrato deverá exigir de todos uma interação permanente com a realidade sociocultural. Portanto, como disse uma vez Simão Bengui, a cultura ancestral deverá atuar como um elemento central na qual se deve organizar a Filosofia do Estado, começando na descolonização das Instituições que são reflexos da política do próprio Estado e os valores culturais que devem ser vistos na perspectiva afrikana como um todo. Este contrato deverá se manifestar por intermédio de um pacto de nação entre aquele que tiver o poder para tal (Governo) e o povo. Existem já propostas nesse sentido, porém, os pactos propostos têm sido de ordem social, sem grandes mutações nas estruturas essenciais do Estado, nós estamos propondo um pacto tão profundo ao ponto de vir a ser considerado como perspectivas decoloniais que refundaram Angola, é a construção da Ngolanidade – uma proposta afrikano-centrada para salvar o nosso país dos cíclicos embustes coloniais que não têm permitido vermos efetivado o sonho de independência e bem-estar social. A este pacto damos o nome de **Pacto Social Ngolano de Base Cultural**.

Este pacto deverá ser sobretudo de natureza sociopolítica baseado na cultura afrikana. A nossa filosofia de organização e funcionamento do Estado deve encontrar seus sustentáculos no ambiente cultural e nas condições de vida do povo ngolano (e afrikano, no geral). A verdade é que com este reforço da cultura, será muito difícil “eles” nos dividirem. A corrupção que atingiu a tudo e todos cá em Angola é tão estranha que não se compreende como é que pessoas pretas foram capazes de tamanhas barbaridades contra seu próprio povo. A verdade é que, como afirma Chika E. E. (2019, p. 35), “a educação colonial, ao despersonalizar o afrikano, conseguiu a corrupção de seus processos de pensamento e percepções, de modo que ele começou a pensar anormalmente”, sim, “o afrikano educado logo ficou preso ao desejo de adquirir cada vez

mais manifestações do capitalismo na forma de riqueza – ostensividade exibida na forma de casas, carros, roupas e frequentes visitas ao exterior”.

Diante deste quesito, entendemos que o Pacto Social Ngolano de Base Cultural deverá conter uma política de atuação vertida à (i) desalimentação do sistema alienativo em vigor na sociedade angolana, (ii) aos fundamentos políticos de um Estado Federal de matriz afrikana¹⁴, (iii) ao comunitarismo econômico e revolução industrial, e, por fim, (iv) a uma revolução intelectual na aplicação prática das ciências e da técnica. Dentre todas estas propostas contidas neste Pacto, vamos, por agora, nos referir somente à primeira (i) e à segunda (ii).

Com a (i) primeira proposta, estamos propondo uma alteração substancial nas formas de pensar país, recriando subsistemas que atendam com rigor às questões sociais, isto é, desalimentando mais ainda o cancro de Angola – a colonialidade – o que vai permitir criar estruturas e representações sociopolíticas que combatam à ferro e fogo as estruturas coloniais que em nada nos beneficiam. São fatores decisivos: a educação, as instituições administrativas e de serviços públicos, as Línguas¹⁵, a desdoutrinação religiosa colonial e outros.

Na tocante ao segundo ponto (ii), o país refundado deverá institucionalizar os Estados Federados numa outra configuração territorial com base às representações culturais dos costumes, línguas e características das sociedades tradicionais representadas num determinado espaço territorial. Por ex.: Cabinda, Uíge, Zaire e Lunda Norte, assim como Malanje, Kwanza Norte e Sul, por motivos de proximidade espácio-cultural, seriam federações, não uma província em quatro ou três, mas Estados Federais dentro do país Ngola que entendemos ser uma realidade mais ajustada.

¹⁴Ao propormos este sistema, não significa que estejamos a imitar a política dos Estados ocidentais e/ou orientais, a ideia de construir Estados de base do tipo federal já existe em África desde a época da África Clássica (antes do colonialismo). Na obra “os fundamentos econômicos e culturais de um Estado Federal da África Negra” (1960), Cheikh Anta Diop apresenta os fundamentos desta posição.

¹⁵ Existem códigos latentes à nossa condição que só podem ser compreendidos em nossa própria língua. Por assim ser, deveremos iniciar um estudo aprofundado e unificado para criarmos, mesclando as línguas regionais, uma nova Língua Nacional que deverá representar a maioria dos povos da sagrada **Ngola**, sendo institucionalizada depois como a Língua oficial da administração em todo o país. Num texto sobre “Línguas Futuras”, o escritor José Luís Mendonça, no texto sobre “o que é ser angolano” que temos vindo a citar, fala sobre um escritor, investigador e tipógrafo angolano, que trabalha na criação da língua *Kindu*, uma investigação que abrange o Kikogo, o Kimbundu e o Umbundu, onde a pesquisa contempla um conjunto de termos cuja origem é a mesma, constituindo-se, portanto, no acervo básico, original, para a sua reconstituição em moldes actuais, sem descurar as influências de todas as línguas em geral, e línguas africanas em particular.

Contudo, acreditamos firmemente que Angola – assim como os países da África Preta em geral – perdeu a melhor oportunidade possível para erguer-se das amarras do colonialismo ao terem (ingenuamente?) se negado a pertencer ao modelo político continental que era proposto politicamente por Nkrumah e cientificamente fundamentado por Cheikh Anta Diop, **o Estado Federal da África Preta**. Acreditamos que este seria o melhor modelo possível para uma África Preta efetivamente descolonizada. Entretanto, não tendo sido posto em prática, a nós resta trabalhar com o que temos, refletindo incansavelmente para encontrar um modelo decolonial que traga independência mais ou menos efetiva enquanto o sonho de Nkrumah, Diop e Khaddafi não viram realidade.

Finalmente, reconhecemos a tamanha responsabilidade intelectual que é projetar num contexto universal rigoroso como o atual – do ponto de vista dos critérios para que determinada pesquisa ganhe validade dentro dos padrões científicos ditos universais – uma perspectiva epistemológica inovadora, muito pouco debatida, há muito relegada ao passado, porém considerada – por nós, estudiosos da herança intelectual ancestral – de importância capital para nós e nossos semelhantes, a fim de olharmos para o futuro com os olhos despidos de quaisquer fumaças ou mentalidade intelectual subalterneizada a um sentimento barato de eterna gratidão ao homem branco.

Considerações Finais

O mundo avançou, algumas nações ergueram suas civilizações após fortes fracassos, algumas outras foram erguidas por cima de outras, outras muitas se sujeitaram a aceitar a “condição humana” da luta pelo poder construída à base do dito popular: *na luta pela sobrevivência, sobrevivem os mais fortes*. Não é nosso objetivo ir contra este postulado político e filosófico, somos de analisá-lo no contexto de o mesmo pressupor uma desculpa embranquiçada para se cometerem os mais hediondos atos em nome de raças, em nome da institucionalização de meios ideológicos culturalmente epistemicidas, e em nome de instrumentos para se inverter a estrutura das realidades dos territórios dominados. Por isso, somos pela refundação!

A África sempre foi civilizacional. Enquanto houver estes reduzidos Estados na África Preta, literalmente dominados tanto econômica quanto, religiosa, militar, linguística e politicamente pelas forças de outros continentes, o nosso pensamento sobre a necessidade de refundação do nosso Estado permanecerá atual, pois continuaremos a denunciar estas práticas *civilicidas*, sugerindo caminhos para a autonomia, a libertação e

promoção da dignidade das nossas fronteiras. Por isso, somos pela Ngolanidade! O europeu só conseguiu o que conseguiu porque criou condições para que todos os países europeus agissem numa lógica capitalista comum. Isso não significa que devêssemos também usar a mesma lógica capitalista. Não! Significa que, nos opondo ao seu comportamento cultural agressivo, devemos montar uma barricada comum contra estes comportamentos coloniais. A nossa missão é erradicar a colonialidade!

No fundo, não mais pretendemos senão ajudar a reconstituir a consciência coletiva que pensamos estar presa num *cancro*, numa plataforma social intersubjetiva de que somos mais reféns do que protagonistas. É, exatamente, a partir deste ponto que devemos começar por cogitar a necessidade gritante de nos aliarmos aos ideais de luta que privilegiem o nosso progresso coletivo, aí entra o ideário panafrikano por formas a ganharmos consciência da guerra intemporal ideológica que a imagem dos belos discursos democráticos não quer nos deixar ver. Redirecionada a perspectiva crítica, estão assim criadas as condições para começarmos o debate sobre a ideia de refundação que propomos neste estudo.



Referências

- Ani, M. (1994). *Yurugu: uma Crítica Africano-Centrada do Pensamento e Comportamento Cultural Europe*. Indianópolis. Library congress cataloging-in-publication data.
- Cassuada, J. (2019). Uma comunicação oral, subordinada ao tema: *Das representações sociais dos jovens delinquentes(...)*, apresentada num colóquio referente à delinquência, na Ex-ESPM - Escola Superior Politécnica de Malanje, Angola.
- Chika E. E. (2019), *Conhecimento indígena e educação afrikana*. Yaoundé, (s.e.).
- Cruz, E. C. V. (2006). *O Estatuto do Indigenato – Angola – A legalização da discriminação na colonização portuguesa*. Luanda, Ed. Chá de Caxinde.
- Diop, C. A. (1974). *Os fundamentos económicos e culturais de um Estado Federal em África*. Paris: Présence africaine,
- Boahen, A. A. (Ed). (2010). *História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 .2.ed. Brasília: UNESCO*.
- Batsikama, P. (2019). *Escola das Ciências Políticas no Antigo Reino do Kongo*”. Luanda.
- _____. (Fevereiro, 2021). *Construção das identidades angolanas*. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/angolanidade-construcao-das-identidades-angolanas-por-patricio-batsikama>. Acesso em: 12 mai. 2022.

Kajibanga, V. (1999). *Crise da racionalidade lusotropicalista e do paradigma da 'crioulidade': o caso da antropossociologia de Angola*. África: Revista do Centro de Estudos Africanos, São Paulo, vol.22-23: 141-156.

Mannheim, K. (1986). *Ideologia e Utopia*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara S.A.

Mendonça, J. L. (Agosto de 2021). *Ser Angolano: Uma Ficção Da Língua Portuguesa*. Num fórum epistêmico sobre o Tema "O que é ser angolano?", Biblioteca Provincial de Malanje, Angola.

Nkruma, K. (1964). "*O consciencionismo – Filosofia e Ideologia da Descolonização*", Tradução de Jospin.Acra, (s.e.).

_____ (5 Dezembro de 2021). *O consciencismo*.(p.57-69).

<https://googleweblight.com/sp?u=https://docero.com.br/doc/e0evcv&grqid=m4u5R73N&hl=pt-PT>;

Oliveira, E. (2006). *Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Curitiba: Editora Gráfica Popular.

Oliveira, L. F., e Candau, V. M. F.(2010). *Pedagogia descolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil*. *Educação em Revista*, Belo Horizonte.v.26, n.1.

Patacho, P. M. (2014). *Cheikh Anta Diop e o desafio para as novas gerações africanas: notas a propósito de uma obra de Jean-Marc Ela*. Luanda, Ed. Mulemba, 4 (8).

Rego, A. S. (1958). *A Adaptação missionária e assimilação colonizadora do ultramar*, Lisboa, in BGU.

Venâncio, J. C. (1996). *Colonialismo, antropologia e lusofonia. Repensando a Presença Portuguesa nos Trópicos*. Lisboa, (s.e.).

Nobles, W. (1985). *Africanity and the Black Family*, Black Family Institute Publications, Oakland.

Redinha, J. (1969). *Ngola*. Inserido no Boletim Cultural da Câmara Municipal de Luanda, Nº 23, Abril – Junho.

Sugestões de leitura

Kajibanga, V. (1998). *Culturas étnicas e cultura nacional. Uma Reflexão Sociológica Sobre o Caso Angolano*. Conferência proferida na Universidade Católica de Angola, no âmbito do 2.º Encontro dos Delegados da Igreja Católica dos Países Lusófonos, Luanda, 17 de Janeiro.

Andrade, M. P. de. (1990). *As Ordens do Discurso do Clamor Africano. Continuidade e Ruptura na Ideologia do Nacionalismo Unitário*. Estudos Moçambicanos, 7: 7-27, Maputo, Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane.

Nascimento, E. (2009). *Afrocentricidade, uma Abordagem inovadora*. SANKOFA 4 Matizes Africanas da cultura Brasileiro. São Paulo: Selo Negro.

Recebido em: 20/04/2022

Aceito em: 25/05/2022

Para citar este texto (ABNT): GINGA, Gaspar Alexandre, PEDRO, João Domingos. A Literariedade vs. a (a)Ngolanidade: perspectivas decoloniais para refundar (a)ngola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), Vol.2, nº 1, p.346-370, jan./jun.2022.

Para citar este texto (APA): Ginga, Gaspar Alexandre, Pedro, João Domingos. (jan./jun.2022). A Literariedade vs. a (a)Ngolanidade: perspectivas decoloniais para refundar (a)ngola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (1): 346-370.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>